

DO ENCONTRO INDÍGENA AO JOGO DA ONÇA NA EJA: PROFESSOR, EXISTEM JOGOS INDÍGENAS?

FRANZ CARLOS OLIVEIRA LOPES
ANDRESSA DOS SANTOS SILVA



Esse relato é um fragmento de uma prática construída em uma Unidade Educacional direcionada para a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), por esse motivo os escritos estão alicerçados sobre algumas especificidades, que por sua vez tende a respeitar os conhecimentos construídos e organizado pelos estudantes. Importante ressaltar que a Educação de Jovens e Adultos representa uma nova possibilidade de acesso ao direito à educação escolar sob outras concepções metodológicas, que se orienta com algumas singularidades.

Nesse breve relato nosso objetivo são três, o primeiro é expor uma pequena apresentação do Encontro Indígena, idealizado pela unidade educacional Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA) Campo Limpo CL (CIEJA-CL), o segundo é entender como a Educação Física contribuiu com a tematização organizada pelos professores dessa unidade educacional, e por fim expressar a importância da modalidade de EJA no contexto das escolas públicas.

Como exposto, antes de iniciar o relato do componente curricular de Educação Física na Unidade Educacional, é importante ressaltar que o evento balizador desse trabalho foi o “Encontro Indígena” que compõe o Projeto Político Pedagógico do Centro de Integração de Jovens e Adultos (CIEJA) Campo Limpo desde 2013. Impulsionado pela proposta de implementação da educação inclusiva e democrática no âmbito de algumas leis, uma das intenções é combater os processos de invisibilidade sofrida pelos negros(as), mas em especial nesse relato o diálogo é com os povos indígenas, é o contexto que move essa prática. Nessa lógica, vivenciar um currículo que representa a pluralidade étnica brasileira, em consonância

com o Plano Municipal de Educação em Direitos Humanos, é um dos processos da Unidade Educacional.

O “Encontro Indígena” é um projeto permanente que tem por objetivo contemplar a construção dos conhecimentos partindo de perspectivas da história indígena, essa cultura que por muito tempo foi apagada da sociedade, no contexto escolar não foi diferente, o assunto quando abordado quase sempre é tratado em uma perspectiva eurocêntrica e fetichizada em relação aos povos indígenas. As ações de apagamento da cultura indígena impossibilitam aos seus descendentes, bem como a população do território nacional que reconheçam suas ancestralidades, inclusive reproduzindo a imagem de indígenas únicos, negando a grande diversidade entre esses povos, que agregam mais de 274 línguas distribuídas em mais de 305 povos indígenas no Brasil.

Na contramão dos processos de apagamento da cultura indígena, que faz com que uma parcela de pessoas reforce estereótipos e preconceitos relacionados aos povos e a cultura, esse relato dialoga com a intervenção organizada pelo CIEJA Campo Limpo, expressivo destacar que depois de dois anos sem poder realizar o evento em virtude do contexto pandêmico, no ano de 2022, se consolidou a VIII edição do encontro.

As ações que compõem o projeto visam garantir momentos de conhecimento da cultura indígena e a convivência com os povos indígenas. Isso para destacar o quanto é importante essa cultura para a população brasileira. Nessa lógica uma das ideias desse evento é proporcionar diferentes vivências a toda a comunidade escolar. A proposta consiste em apresentar vivências aos estudantes da EJA com o propósito de ampliar seus conhecimentos em relação a essa cultura, e oportunizar partilhas com os povos indígenas, culminando no reconhecimento dessas pessoas como sujeitos históricos que contribuem com a formação de nossa identidade, bem como proporcionar momentos de reflexão sobre a estrutura fundante das relações sociais.

As linhas descritas acima potencializaram o relato, cremos que o debate da EJA é sempre um importante lastro das possibilidades no âmbito da educação e da Educação Física, mas os assuntos que tratam da modalidade serão feitos na última parte do relato.

Imagem 01: Encontro indígena no CIEJA Campo Limpo.



Imagem: Acervo dos Autores

Desenvolvendo um trabalho alinhando com o que estava sendo proposto pela Unidade Educacional, especificamente na área de Educação Física realizei uma pesquisa sobre as brincadeiras indígenas em sites de busca e no site institucional da Rede Municipal de Educação (RME), um dos achados foi um documento produzido pela Secretaria Municipal de Educação (SME) do Município de São Paulo. Os jogos de Tabuleiro é uma das propostas da RME, mais especificamente a importância de o Jogo da Onça estar dentro do rol de jogos ofertados pela rede.

Com o acesso aos documentos da escola e os propostos pela RME, bem como pesquisas feitas em sites, dei início as práticas, destaco aqui o primeiro momento com os estudantes foi um diálogo sobre o jogo e sua relação com o encontro indígena. Em algumas turmas assistimos um vídeo no qual a pessoa que apresenta esse material pergunta se jogo de tabuleiro é apenas originário dos europeus ou dos povos asiáticos, logo muitos estudantes dos agrupamentos fizeram essa mesma questão. A pergunta disparada foi reforçada na aula, algumas discussões tiveram importantes percepção do legado colonial que por muitas vezes perdura em terras brasileiras.

Quando iniciado o jogo de tabuleiro indígena, alguns estudantes perguntaram: -Nossa professor existem jogos indígenas?

Vale destacar que essa prática aconteceu em todas as turmas do CIEJA Campo Limpo, a estrutura organizacional da unidade é um pouco diferente das escolas que atende a modalidade, as turmas se encontram em percursos distintos, cada grupo se diferencia em etapas do processo de aprendizagem que compõem os módulos de alfabetização e de pós-alfabetização, intitulados pela comunidade escolar de: *Acolhimento*, *Confiança* e *Liberdade* (conforme a fase de alfabetização), os quais vão construir autonomia em relação à leitura e escrita; e, ainda, os grupos dos módulos intermediário e final, chamados de: *Alegria*, *Transformação*, *Respeito* e *Aprender*, que vão construir seus saberes a partir de trajetórias nas áreas de conhecimento das Linguagens e Códigos, Matemática e Artes, Ciências Humanas e Ciências da Natureza¹. Vale salientar que o componente curricular de Educação Física nem sempre figura na Unidade.

Imagem 02: Prática do Jogo da Onça CIEJA Campo Limpo



Imagem: Acervo dos Autores

Essa tematização como já expresso aconteceu com todas as turmas, igualmente as falas sobre o pouco acesso aos Jogo da Onça teve notorie-

¹ São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **CIEJAs na cidade de São Paulo: identidades, culturas e histórias**. – São Paulo: SME / COPED, 2020. Disponível em: https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2021/06/LIVRO_CIEJAs-na-Cidade_WEB.pdf. Acessado em: 22 de fev. 2023.

dade pelos estudantes dos agrupamentos, alguns mencionaram que já jogaram Dama, Xadrez, Banco Imobiliário, mas nunca tiveram contato com esse jogo, foram poucos estudantes citaram o conhecimento do jogo, menos de uma dezena deles.

Outro ponto significativo à destacar, foram algumas questões sobre a construção de jogos pela população indígena, muitos dos estudantes não imaginavam que esse jogo foi construído pelos povos originários.

Após esses momentos de diálogos fomos para as práticas do jogo, primeiro expliquei nas turmas como era jogado o jogo, o vídeo não foi possível que todos os agrupamentos assistissem. O tempo das atividades pedagógicas é outro no CIEJA-CL, por esse motivo optei pela impressão dos tabuleiros, para representar cachorros e onça utilizei milho e feijão.

O jogo é jogado com o total de 15 representações de animais, ou 15 “peças” sendo um apenas a onça e 14 cachorros, dito isso muitos estudantes acharam injusto o número grande de cachorros. Continuando a explicação para estudantes, um jogador controla a onça e o outro jogador controla os cachorros, novamente acharam quem uma pessoa apenas para mover 14 “peças” ou cachorros ficava muita coisa.

Imagem 03: Prática do Jogo da Onça CIEJA Campo Limpo



Imagem: Acervo dos Autores

O objetivo do jogo é o seguinte: a onça para ganhar o jogo deve comer pelo menos seis cachorros, já os cachorros devem cercar a onça encurralando em partes do tabuleiro.

Durante as aulas, os estudantes que conheciam outros jogos de tabuleiro, como dama, xadrez, falaram que o jogo da onça tinha um grau de dificuldade similar aos outros, alguns disseram que esse jogo faz pensar muito, e acham mais complicado do que os jogos citados. A maioria dos estudantes se envolveram nas atividades, aqueles que tinham dificuldades foram ajudados por colegas que já tinham aprendido a jogar.

Alguns professores dos agrupamentos também jogaram com os estudantes, entusiasmando todos para desafios no jogo. Em algumas turmas partiu a proposta de jogaram em duplas, e falaram que daquela forma poderiam ver as possibilidades de estratégias no tabuleiro.

Depois de algumas aulas fui acessar o documento da SME² para continuar o trabalho e trazer conteúdo para as aulas, logo segundo o material, o cachorro no Jogo da Onça representa os arranjos de um grupo de caçadores, indígenas, ou matilhas de cães do mato ou animais não domesticados, que por sua vez caçam um grande predador, a onça.

O tabuleiro do jogo a princípio gerou algumas discussões, muitos acharam complicado a sua forma, cheia de linhas, triângulos e quadrados. Segundo as informações do documento, o Jogo da Onça pode também ser chamado de Adugo, e como já falado é praticado sobre um tabuleiro chamado a “toca da Onça”. Essas duas figuras geométricas são cortadas por linhas retas (horizontais, verticais e diagonais), formando novos quadrados e triângulos no interior do tabuleiro.

Todas as informações estudadas foram socializadas nas aulas, continuando, cada jogador deve mover a onça ou o cachorro uma vez, entretanto as informações do vídeo e o do documento são divergentes em relação a essa movimentação, no vídeo foi falado que cada vez que a onça coma um cachorro ela pode ser movimentada novamente caso consiga comer um cachorro, algumas turmas jogaram das duas formas.

O período em que a prática foi realizada as atividades presenciais estava com restrições como o uso de máscaras, espaçamento restrito entre

² São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria dos Centros Educacionais Unificados. **Jogo da onça**. [livro digital] – São Paulo: SME / COCEU, 2020. (Coleção Jogos de Tabuleiro, v. 2). Disponível em: <https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2021/07/Miolo-e-Capa-Jogo-da-Onca-WEB-1.pdf>. Acessado em: 05 de mar. 2023

os estudantes, e utilização de álcool em gel nas escolas da Rede Municipal de Educação. Simultâneo as intervenções presenciais, alguns estudantes estavam com os tablets, e poderiam ficar com esses aparelhos para estudo. Descobrimos que o jogo da onça estava instalado em todos os tablets da rede de ensino, estimei os estudantes para que apresentassem esse jogo em casa para seus familiares.

Imagem 04: Prática do Jogo da Onça CIEJA Campo Limpo



Imagem: Acervo dos Autores

Descobrimos também com algumas turmas que em lojas de aplicativo como a da Play Store, ligada ao sistema de celulares androide poderíamos encontrar o jogo gratuitamente.

Destaco nessa prática aspectos positivos e outros que precisariam ser repensados, os positivos no âmbito das práticas são, propor um trabalho desse amplia as relações de conhecimento entre estudantes, professores e comunidade escolar, os povos indígenas sofreram uma série de atrocidades e seguem sentido os efeitos do colonialismo, por esse motivo um trabalho como este expõe as dificuldades desses povos.

Os jogos indígenas são pouco socializados no âmbito das práticas, entretanto, notório saber que o poder executivo vem trabalhando com a produção de materiais e formação para professores sobre o tema, por isso outro ponto de destaque foi que os estudantes que pouco conheciam algumas práticas indígenas passaram a conhecer. Com essa percepção pode-se salientar que uma das funções propostas pela escola na ótica de algumas

leis é ampliar e democratizar o conhecimento, logo com a introdução do Jogo da Onça, teve esse objetivo.

As narrativas coloniais sobre outros jogos de tabuleiros agregam espaço no debate, isso gerou uma problematização, ou seja, a “lógica” colonial foi questionada, cremos que isso pode contribuir com novos olhares para as práticas indígenas, uma vez que a ideia de apagamento da cultura sempre permeia algumas culturas.

Imagem 05: Prática do Jogo da Onça CIEJA Campo Limpo



Imagem: Acervo dos Autores

O CIEJA-CL, no decorrer do projeto, ofertou formações com os povos indígenas em seus territórios, entretanto, não abordei com os indígenas as questões sobre o tema, creio que seriam intervenções importantes.

Trazer para o debate entre os povos indígenas outras formas de jogos da cultura, bem como desenvolver pesquisas com os estudantes sobre descobertas da cultura indígena poderia acrescentar no debate, uma vez que ficaram surpresos com a descoberta de um jogo indígena. Mas, essas podem ser possibilidades para um próximo trabalhos com o tema.

Finalizando esse fragmento de prática, vale aqui discorrer sobre um importante assunto que pouco tem espaço nas escolas, continuamos a partir de agora a abordar o assunto do primeiro parágrafo. Na modalidade da EJA, muitas tensões foram e ainda são vivenciadas por estudantes e

educadores, vou aqui expor um pouco do trajeto das situações vividas no âmbito da EJA. Os estudantes que acessam as escolas que contemplam a EJA, ficavam e ainda ficam a margem do desenvolvimento econômico e social do Brasil, sobretudo a partir dos anos 30.

Imagem 06: Formação de professores para o Encontro Indígena.



Imagem: Acervo dos Autores

A versão da LDB de 1971, a EJA figura inicialmente na legislação brasileira, sendo um marco legal importante para na constituição dessa modalidade de ensino, essa intervenção reconhece a importância da EJA para a população excluída dos processos educacionais formais. Com o passar dos anos várias intervenções foram sendo feitas, em 1978, uma dessas ações foi o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), essa política pública havia alcançado cerca de 2 milhões de pessoas. O Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos de São Paulo (MOVA-SP), lançado em 1989, durante a gestão de Paulo Freire frente à Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, igualmente colaborou no âmbito do município de São Paulo³.

³ São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Retratos da EJA em São Paulo: história e relatos de práticas.** – São Paulo: SME / COPED, 2020. Disponível em: <https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/acervo/retratos-da-eja-em-sao-paulo-historia-e-relatos-de-praticas/>. Acessado em: 07 de mar. 2023.

Imagem 07: Formação de professores para o Encontro Indígena.



Imagem: Acervo dos Autores

Nos anos 2000, novas políticas públicas são alcançadas na modalidade EJA, pelo menos no diz que respeito às legislações, debates e pesquisas no campo foram expressivas segundo o documento. Em janeiro de 2001, é aprovado o Plano Nacional de Educação (PNE), sancionado pela lei nº 10.172/2001. No que se refere à EJA, o PNE faz um diagnóstico no cenário nacional: os déficits do atendimento no ensino fundamental resultaram, ao longo dos anos. Em 2014, é sancionado um novo Plano Nacional de Educação (Lei nº 13.005/2014) para uma vigência de 10 anos. Esse novo plano estabelece 3 metas para a Educação de Jovens e Adultos no país: elevar a escolaridade média da população de 18 (dezoito) a 29 (vinte e nove) anos; elevar a taxa de alfabetização da população com 15 (quinze) anos ou mais para 93,5% (noventa e três inteiros e cinco décimos por cento) até 2015; oferecer, no mínimo, 25% (vinte e cinco por cento) das matrículas de educação de jovens e adultos, nos ensinos fundamental e médio.

Ou seja, as intervenções na modalidade são resultados de décadas de propostas no âmbito político, entretanto para que ocorressem essas conquistas muitas lutas foram travadas no âmbito social, por esse motivo que importante que os estudantes dessa modalidade tenham a possibilidade de interagir com todas as áreas do conhecimento. Em especial a Educação Física quase sempre não compõe a EJA, mas sua importância é fundamental para que as relações da cultura corporal sobre os temas das ginásticas, das brincadeiras, das danças, das lutas, e dos esportes tenham espaço nas relações de ensino a aprendizagem.